

Percepções socioambientais a sombra da figueira no Quilombo Coxilha Negra por estudantes de Pedagogia da FURG

*Percepciones socioambientales la sombra de la figueira en el Quilombo
Coxilha Negra por estudiantes de Pedagogía de la FURG*

*Socio-environmental perceptions the figueira sombra in Quilombo Black
Coxilha by FURG Pedagogy students*

Dr. Vilmar Alves Pereira¹

Anderson Luiz Gonzalez²

Angélica da Silva Pinto³

Resumo

Este estudo apresenta um relato de experiência ocorrido no contexto da disciplina de Educação, Ambientes, Cultura e Diferenças com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande. Desse modo tem a pretensão de ao apresentar os resultados de uma visita de estudos no contexto de um quilombo tensionar, refletir e propor desafios sobre a relação universidade-sociedade e ao mesmo tempo apontar, a partir do horizonte da Educação Ambiental Popular, possibilidades de reconhecimento e ressignificação de saberes tendo por referência os saberes dos povos tradicionais. Dessa forma apresentamos num primeiro momento a partir de Santos (2005) e Brandão (2006) alguns referenciais epistemológicos, num segundo, relatos dos estudantes que vivenciaram essas experiências tendo como decorrências inúmeras aprendizagens. De maneira geral o estudo reforça a necessidade de maior sintonia Universidade-comunidade.

Palavras-Chave: Ambiental; Aprendizagens; Popular; Quilombo; Universidade.

Resumen

Este estudio presenta un relato de experiencia ocurrido en el contexto de la disciplina de Educación, Ambientes, Cultura y Diferencias con estudiantes del curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Rio Grande. De este modo tiene la pretensión de presentar los resultados de una visita de estudios en el contexto de un quilombo tensar, reflejar y proponer desafíos sobre la relación universidad-sociedad y al mismo tiempo apuntar, a partir del horizonte de la Educación Ambiental Popular posibilidades de reconocimiento y la resificación de saberes teniendo por referencia los saberes de los pueblos tradicionales. De esta forma presentamos en un primer momento a partir de Santos (2005) y Brandão (2006) algunos referenciales epistemológicos, en un segundo, relatos de los estudiantes que vivenció esas experiencias teniendo como consecuencia innumerables aprendizajes. De manera general el estudio refuerza la necesidad de una mayor sintonía Universidad-comunidad.

¹ Filósofo. Mestre e Doutor em Educação, Educador Popular e Ambiental. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Professor e Pesquisador no Instituto de Educação e nos Programas de Educação (PPGEDU) e Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Editor Chefe da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental –REMEA. vilmar1972@gmail.com.

² Integrante do Grupo PET Conexões da Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos. Graduando do Segundo ano do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Membro do grupo de estudos sobre Fundamentos de Educação Ambiental e Popular – GEFEAP. andersongonzalez72@gmail.com.

³ Estudante Quilombola, graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, membro da Coordenação do Subprograma de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnicos e Superior – PAIETS INDÍGENA E QUILOMBOLA. E-mail: angelicadasilvapinto@gmail.com.

Palabras claves: Ambiental; Aprendizaje; Popular; Quilombo; Universidad.

Abstract

This study presents an experience report in the context of Education, Environments, Culture and Differences with students of the Pedagogy course of the Federal University of Rio Grande. In this way, it intends to present the results of a study visit in the context of a stressful quilombo, to reflect and propose challenges on the university-society relationship and at the same time to point out, from the horizon of the Popular Environmental Education, possibilities of recognition and reification of knowledge by reference to the knowledge of traditional peoples. In this way, we present, at a first moment, from Santos (2005) and Brandão (2006) some epistemological references, in a second, reports of the students who experienced these experiences, having as a result numerous learning. In general, the study reinforces the need for greater University-community harmony.

Keywords: Environmental; Learning; Popular; Quilombo; University.

1. Contextualizando a temática

*O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.
(BARROS, 2011).*

De modo geral vivenciamos no contexto hodierno relações de ensino e de aprendizagem que nos remetem com frequência a um modelo de universidade e por decorrência um modo de fazer ciência onde as dimensões do mundo da vida se encontram desvinculadas dos saberes da ciência. Nesse sentido, no modo de pensar a universidade bem como seu currículo muitas vezes ignoramos os saberes “pano de fundo” que nas suas dimensões mais autóctones são portadores de sentido existencial e orientadores de inúmeras formas de ser e habitar o mundo.

Na elaboração desses currículos e planos de ensino ignoramos questões fundantes que podem sim contribuir com reflexões oportunas sobre o sentido da docência e das aprendizagens que estamos promovendo cotidianamente. Vale lembrar sempre algumas dessas inquietações que podem nos mobilizar:

Que sujeitos queremos formar? Que saberes queremos discutir? Que sociedade queremos para viver? Que escola queremos? Que educação queremos priorizar? Que avaliação precisamos construir? Que cultura queremos valorizar? Que conhecimento queremos trabalhar? Que relações de poder queremos manter? (PASSOS, 1995, p.15).

A luz dessas questões normalmente os estudantes questionam o currículo que temos e também o Projeto Pedagógico de nossas licenciaturas. Almejando diminuir esse distanciamento entre saberes do mundo da vida e saberes acadêmicos, no contexto da disciplina Educação, Ambientes, Cultura e Diferenças temos com frequência promovido o debate teórico em conjunto com experiências vividas pelos protagonistas principais. Assim, após termos estudado a Educação Ambiental sempre a partir do reconhecimento de suas dimensões histórico-sociais e culturais realizamos no decorrer da disciplina alguns encontros com temáticas culturais como: apresentação dos saberes dos povos indígenas *Kaingang*; pessoas com deficiência e Saberes dos povos de matriz africana e suas confluências religiosas.

Esses encontros tem a incumbência de estimular o diálogo e também a ampliação da percepção ambiental popular de nossos (as) educadores (as) em formação sobre os contextos práticos que pertencemos e muitas vezes não nos damos conta.

O estudo a seguir almeja demonstrar a importância dos referidos saberes bem como defender que a educação ambiental popular pode ser sim um instrumento de luta em favor do reconhecimento de todas as outridades culturais negadas e negligenciadas nas agendas pedagógicas e políticas em nosso tempo. Com objetivo de reforçar essa perspectiva é que num primeiro momento estaremos discutindo o papel da universidade no século XXI e posteriormente demonstrando a fecundidade da educação popular ambiental. Posteriormente a partir dos relatos ampliar a compreensão enquanto processo e necessidade de permanente aprendizagens dos saberes tradicionais que podem sim nos ensinar a pensar um novo modo de fazer a universidade e por decorrência nos inspiram a novas pedagogias. Dessa forma trata-se de um relato no campo dos fundamentos da educação, em especial das epistemologias populares.

2. Sobre o Papel da Universidade na Sociedade: fronteiras epistêmicas

Conforme Santos (2008) a universidade no final do século XX se defronta com três crises das quais naquele momento estaria longe de resolver-las pois “tinha vindo a geri-las de molde a evitar que elas se aprofundassem descontroladamente, recorrendo para isso à sua longa memória institucional e às ambiguidades do seu perfil administrativo” (SANTOS, 2008), ou seja, a universidade em si perdeu o controle dessas crises e passou a exercer um papel quase que passivo diante da situação.

Para o autor essas três crises são de origem *hegemônica*, de *legitimidade* e *institucional*, sendo a crise de hegemonia devido

A incapacidade da universidade para desempenhar cabalmente funções contraditórias levou o Estado e os agentes econômicos a procurar fora da universidade meios alternativos de atingir esses objetivos. Ao deixar de ser a única instituição no domínio do ensino superior e na produção de pesquisa, a universidade entrou numa crise de hegemonia. (SANTOS, 2005, p.5).

Já a crise de legitimidade ocorreu pelo fato da universidade não ter conseguido alcançar um consenso entre a hierarquização dos saberes e as demandas da sociedade em busca de uma democratização do acesso ao ensino superior e por consequência à igualdade de oportunidade para as classes populares (SOUZA, 2005). A terceira crise, de natureza institucional, surge em decorrência de uma contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objetivos da universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social. (SOUZA, 2005).

Com base nas análises de Boaventura e visando uma melhor compreensão das fronteiras epistêmicas do papel da universidade na sociedade, constatamos que dentre as três crises elucidadas pelo autor, a crise de legitimidade é que mais contribui para o distanciamento entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, pois ainda existe enorme demanda em busca da democratização do acesso à universidade por parte das classes populares. E como se não bastasse a barreira da crise de legitimidade, nosso país sofre em relação à educação, um ataque constante de um (des)governo ilegítimo que busca de toda forma abalar as bases das instituições públicas de ensino através de cortes de verbas e programas que se destinam a solidificar as relações entre universidade e classes populares por meio de uma política do Governo anterior que visava trazer essas classes que nunca tiveram acesso à educação superior para dentro dos muros da universidade.

A atual redução do financiamento público é decorrente de uma ideologia neoliberal que como anunciara Boaventura há dez anos atrás, faz parte de uma *transnacionalização do mercado universitário*, que consiste em “mercantilizar” o ensino e transformar a universidade em uma vitrine de cursos que podem ser oferecidos como objetos de valor e onde só tem acesso à educação de qualidade quem pode pagar, caminhando na mesma lógica dos bens de consumo onde quem usufrui dos mais luxuosos itens disponíveis no mercado é quem detém poder financeiro.

Segundo Santos:

Desde o início da década de 1990, os analistas financeiros têm chamado a atenção para o potencial de a educação se transformar em um dos mais vibrantes mercados no século XXI. Os analistas da empresa de serviços financeiros Merrill Lynch

consideram que o sector da educação tem hoje características semelhantes às que a saúde tinha nos anos 1970: um mercado gigantesco, muito fragmentado, pouco produtivo, de baixo nível tecnológico, mas com grande procura de tecnologia, com um grande défice de gestão profissional e uma taxa de capitalização muito baixa. (SANTOS, 2005, p.18).

Muito embora essa análise tenha sido feita pelo autor há pouco mais de uma década, ela continua sendo assustadoramente atual, pois nossa conjuntura social, política e econômica não está nenhum pouco longe daquela descrita na época, aonde a intenção neoliberal do atual (des)governo de transformar a universidade em uma fonte de lucro do tipo empresarial através da privatização se encaixa perfeitamente.

As universidades públicas sofrem constante pressão por resistirem à uma sociedade de consumo, que é intrínseca ao capitalismo e que possui como principal objetivo transformar tudo o que estiver ao seu alcance em lucro. Uma das táticas dos governos, partidos e políticos neoliberais para deslegitimar o discurso da democratização do ensino defendido pela universidade pública é o “sucateamento” intencional das instituições de ensino superior como forma de convencer a sociedade de que a melhor saída é a privatização da universidade.

A explicação da defesa da inclusão da educação pública na lógica de mercado ocorre baseando-se na seguinte linha de raciocínio:

A inculcação ideológica serve-se de análises sistematicamente enviesadas contra a educação pública para demonstrar que a educação é potencialmente uma mercadoria como qualquer outra e que a sua conversão em mercadoria educacional decorre da dupla constatação da superioridade do capitalismo, enquanto organizador de relações sociais, e da superioridade dos princípios da economia neoliberal para potenciar as potencialidades do capitalismo através da privatização, desregulação, mercadorização e globalização. (SOUZA, 2005, p.21).

A importante reflexão que devemos realizar é: a quem serve esse discurso de privatização da educação? Como ficará a situação daqueles que se encontram em estado de vulnerabilidade social? Como a universidade reconhece os saberes periféricos dos povos tradicionais?

Refletir sobre estas questões é de suma importância pois elas implicam necessariamente em fomentar o debate sobre qual o papel da universidade na sociedade, pois se queremos uma educação inclusiva, ao permitirmos que a ideologia neoliberalista se instaure nas instituições públicas de ensino superior, estaremos abrindo uma brecha enorme para a exclusão social das minorias que terão seus direitos de um ensino público e gratuito de qualidade que foi conquistado com muita luta e diversos movimentos sociais, suprimidos.

As fronteiras epistemológicas que demarcam as relações entre sociedade e universidade são multifacetadas e possuem ontologias histórico-culturais de segregação, como

por exemplo o fato de a universidade ter sido germinada para as elites, não para as classes populares; ou também o fato de que a democratização do ensino está e sempre esteve sobre ameaça dos governos oligárquicos e hodiernamente dos neoliberalistas.

O rompimento dessas fronteiras só será possível a partir do momento em que a universidade deixar minimamente para trás a sua identidade de instituição de conhecimento científico e passar a vislumbrar os saberes populares como parte importante destes conhecimentos. Nesse sentido, Boaventura aponta para a emergente necessidade de as instituições de ensino superior migrarem do ensino universitário para o ensino pluriversitário, que segundo o autor “É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento [...]” (SOUZA, 2005).

Para Souza o conhecimento universitário não leva em conta os conhecimentos que são intrínsecos à sociedade:

O conhecimento universitário - ou seja, o conhecimento científico produzido nas universidades ou instituições separadas das universidades, mas detentoras do mesmo *ethos* universitário - foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades. (SOUZA, 2005 p.28).

Faz-se necessário essa aproximação do conhecimento universitário, que é por excelência como afirma o autor, de ordem científica, com os conhecimentos do cotidiano da sociedade, buscando romper com o caráter disciplinar unidirecional exercido pela universidade. A partir do momento em que deixamos de exercer uma relação de poder academicista, automaticamente combatemos o elitismo que segrega sociedade e universidade.

3. Possíveis conexões sobre os Saberes da Educação Popular com os Saberes Acadêmicos

A educação Popular, enquanto referência pedagógica, surge na América Latina em meados dos anos 60 e desde então, sempre tentou se reproduzir por intermédio da inserção junto aos movimentos sociais progressistas. Na atualidade, os desafios na área da educação são muitos e tem uma relação direta com as experiências políticas nos últimos anos em nosso país, em que buscamos superar a lógica neoliberal.

Um dos maiores desafios ao buscar articular os Saberes da Educação Popular com os Saberes acadêmicos, é ouvir os indivíduos que integram os Movimentos Sociais Populares. Atualmente percebemos por meio da militância das universidades que se inserem

nesses espaços, e também produzem conhecimentos através de trabalhos feitos por educadores que defendem as classes populares a referida necessidade.

Enquanto educadores populares, temos que, primeiramente entender o conceito desses dois Saberes que parecem ser distintos um do outro no que tange a produção de conhecimento. Para tanto no que se refere ao Saber Popular, Dickmann e Dickmann (2008, p.70) afirmam que “o saber popular é entendido como aquele adquirido nas lutas, que não está escrito nos livros, aquele que é fruto das várias experiências vividas e convividas em tempos e espaços diversos na história do povo”.

Portanto, entendemos o Saber Popular como uma herança que vem sendo produzida através das vivências nas comunidades tradicionais em relação aos seus costumes, valores, cultura, dentre outros. Esses conhecimentos não são fixos, pois são passados de geração para geração através da oralidade e, por esse motivo são modificados conforme o contexto que cada comunidade está inserida, visando atender as suas demandas e necessidades.

Ao referir-se ao conceito de Saber Científico Dickmann e Dickmann (2008, p.70) dizem que o conhecimento científico “[...] é aquele sistematizado, publicado e elaborado na academia, fruto, na maioria das vezes, de reflexões de lideranças de classe média que se debruçam curiosamente a estudar sobre as pelejas dos mais pobres pra analisá-las”.

No entanto, o conhecimento científico de acordo o referido acima, é aquele que passa por pesquisas e experimentos até ser validado, ou seja, aquele produzido racionalmente por intermédio de mecanismos científicos, sendo comprovado sua existência.

A partir desse referencial, consideramos que o conhecimento científico em sua maioria, é tido como única forma de saber e ensinado nas escolas pelo fato de ser publicado e passado por pesquisas antes de ser aplicado na prática, já os Saberes Populares por serem transferidos somente através da oralidade, muitas vezes são ignorados pelas instituições acadêmicas no processo educacional dos sujeitos.

Diante de tal cenário, faz-se necessário um olhar mais atento, para que sejam realizados em espaços acadêmicos, um diálogo entre Educação Popular e Movimentos Sociais Populares, que venham nutrir a esperança da emancipação social. Assim, pensamos na necessidade de estabelecer conexões entre os saberes populares e os saberes acadêmicos. Para tanto, é necessário acrescentar a este, as diversas formas de aprendizados construídos nas comunidades tradicionais.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –

mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes [...] Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? [...] A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ter curiosidade, se cicatriza. (FREIRE, 1996, p.33-34).

Freire defende por meio de suas considerações no referido acima, onde nos faz pensar nos aspectos fundamentais da contribuição dos Saberes Populares na construção dos currículos acadêmicos, tendo como horizonte a gestão democrática. Algumas das características apontadas, são significativas e indispensáveis ao pensar a Educação numa perspectiva Popular, ao elaborar os currículos escolares, é preciso levar em conta como por exemplo: o respeito às diversidades humanas, ambientais, sociológicas, a busca pela conscientização e o (re)conhecimento da realidade, dentre outras.

No entanto, os educadores populares inseridos nos espaços acadêmicos, devem refletir sobre o processo de formação que estão inseridos, considerando que este é um movimento que não vem de fora para dentro, mas ao contrário. Nesse sentido, pensar a Educação Popular, exige que educadoras e educadores percebam que o ato de estudar um movimento tão intenso como este, requer disposição de quem o faz. Assim, os educadores populares obrigatoriamente, assumem o compromisso de ter um posicionamento político se posicionarem politicamente quanto à concepção de mundo, de vida, de sujeito, de educação, dentre outras, como saberes intrínsecos aos nossos processos educativos e de formação.

É nesse conjunto de saberes, que a Educação Popular se constitui, sendo empregada como mecanismo para que se possa reproduzir a prática de saber-fazer, em comunidades tradicionais, possibilitando que todos possam fazer parte do processo de ensino e de aprendizagem, partindo do princípio de que todos os sujeitos são produtores de conhecimento, ou seja, todos os indivíduos envolvidos no processo de ensino, tem competência para passar algum conhecimento ao outro, assim como aprender algo com o outro, através da troca de saberes.

Este é o primeiro sentido da ideia de Educação popular na América Latina: torná-la livre do controle de uma única agência de reprodução agenciada do saber; atribuir ao poder de Estado a responsabilidade da escolarização de crianças e adolescentes de todas as classes sociais; fazer com que a educação seja, portanto, um meio de democratização da vida social, ao estabelecer a universalidade de oportunidades de acesso ao trabalho profissional qualificado (BRANDÃO, 1995, p. 13).

Deste modo, expandem-se as extensões de ensino e construção do saber, perpassando dimensões que vão além dos espaços acadêmicos e compreende-se por meio das relações que se estabelecem com o outro no decorrer das trajetórias percorridas.

Para tanto, compreendemos que um dos desafios da Educação Popular, não seja ultrapassar os muros da universidade, mas o de reconhecer os saberes oriundos das classes populares que na condição de propor uma educação emancipadora em que os povos de camadas populares, possam compartilhar vivências e aprendizagens adquiridas por meio de suas trajetórias de vida. Que permita compreender a sua realidade histórica, cultural, social e dela participem enquanto protagonistas conscientes do papel primordial no processo de construção de suas identidades, sentindo-se pertencentes aos espaços que contribuem para sua formação.

Nesse sentido, um dos principais papéis da Educação Popular no contexto ao qual estamos inseridos, é ampliar as discussões sobre a construção de saberes em diferentes espaços, visto que, a principal característica da Educação Popular é romper com a educação bancária e tradicional, que exclui os sujeitos das camadas populares das discussões que envolvem a sua formação social. A educação bancária aliena e não educa os acadêmicos politicamente, formando, sujeitos que não se envolvem nas decisões tomadas em sua sociedade. Brandão ao observar a relação homem com o meio em que está inserido, afirma que:

O homem - sujeito que produz a cultura – define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que por simplesmente fazê-la de modo material. Antes de ser machado o objeto é seu símbolo, logo, a relação simbólica entre ele e o homem, entre o homem e seus símbolos. É isto o que torna o homem um “ser histórico”, um ser que não está na história, mas que a constrói como produto de um trabalho e dos significados que atribui ao fazê-lo: ao mundo, à sua ação e a si mesmo, visto no espelho de sua prática. (BRANDÃO, 2006, p.39).

Para tanto, através da afirmativa de Brandão, percebemos que nos currículos devem ser valorizados mais os saberes populares, oriundos das comunidades tradicionais, através de metodologias pedagógicas participativas, possibilitando que os Saberes sejam reinventados sempre, não através de manuais de instruções, mas com as aprendizagens coletivas, que acolhem as experiências dos outros por meio de diálogos e parcerias, aprendendo com os avanços e retrocessos.

Segundo Gohn (1994, p.17)

falar na existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, uma concepção

de educação que não se restrinja ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico.

Deste modo, pensamos que os espaços acadêmicos, devem criar metodologias que possibilitem que os Saberes Populares sejam conhecidos e valorizados nos ambientes acadêmicos, pois, desta forma, os povos de comunidades tradicionais terão oportunidade de passar os conhecimentos adquiridos através de experiências vividas ao longo de sua formação histórica.

Para isso, é necessário que nos cursos de formação de professores, os sujeitos em processo de aprendizagem, tenham oportunidade de estudar sobre a importância dos saberes populares para a formação de novos conhecimentos. Os educadores e educadoras tem que ter contato com as comunidades, conhecer seus modos de vida, os meios que utilizam para manter sua sobrevivência, a forma como se organizam para lutar contra as desigualdades desta sociedade excludente.

Desse modo, para que os Saberes Populares sejam reconhecidos como produtores de conhecimento, é fundamental que haja integração dos educadores com as camadas populares. Daí a importância de os educadores aproximarem-se dos saberes que compõe as classes populares, incrementando a escuta e a sensibilidade para que através da interação com as comunidades seja possível uma troca de conhecimentos.

Por isso, reforçamos a importância que a Educação Popular tem no processo educacional, possibilitando que sejam encontrados novos caminhos de produção de conhecimentos no âmbito acadêmico.

Desta forma, ao divulgarmos relatos através de trabalhos como esse, desenvolvidos nas comunidades tradicionais, que tem o intuito de valorizar seus conhecimentos e saberes, explorando seus diferentes modos de produção, estamos defendendo as camadas populares dentro e fora da universidade.

4. O encontro com o quilombo: percepções e aprendizagens

A partir de agora nosso trabalho apresenta os relatos com as aprendizagens construídas no contexto do Quilombo Coxilha Negra a partir das percepções dos/as estudante do 3º semestre do curso de Pedagogia referente à saída de campo realizada através da disciplina de Educação, Ambiente, Culturas e Diferenças, ministrada pelo Professor Vilmar Alves Pereira, um dos autores deste artigo.

A Disciplina integra o currículo do curso de pedagogia no primeiro semestre do segundo ano foi criada ano em 2013 e tem por objetivos introduzir os acadêmicos de

pedagogia no debate ambiental; apresentar os fundamentos epistemológicos da Educação Ambiental; demonstrar o alcance desse debate para pensarmos um currículo que reconheça a dimensão ambiental.

Sobre a atividade desenvolvida salientamos que está foi planejada no decorrer do semestre 1/2018 com a intencionalidade de promover aos discentes a oportunidade de conhecer diferentes culturas, sobretudo a cultura quilombola, que em nosso entendimento possui pouca visibilidade no âmbito acadêmico, sendo excluída dos debates e pesquisas que tratam das diferentes formas de organizações culturais.

A visita ao Quilombo ocorreu no dia 23 de junho de 2018. Chegamos na comunidade por volta das 8:30 da manhã, a qual já na chegada fomos muito bem recebidos pelas pessoas que lá vivem. A sistemática da nossa saída de estudos se deu da seguinte maneira: nos reunimos na casa da liderança da comunidade para tomarmos um café, e ouvir as histórias de vida e superação dos moradores do Quilombo que foram convidados pelo presidente para estarem conosco durante o dia.

A partir das experiências vivenciadas no Quilombo foi solicitado aos estudantes que relatassem em forma escrita suas percepções em relação ao modo de vida na comunidade, bem como outras questões que surgiram ao longo da conversa e que julgam ser pertinentes salientar em seus relatos de experiências. Através das narrativas entregues pelos estudantes separamos algumas categorias em relação as suas impressões acerca das histórias contadas no Quilombo. As categorias elencadas foram: Percepção de Quilombo, Ausência de debates sobre a cultura quilombola, *Acolhimento/Receptividade, dificuldades de acesso, Quilombo como espaço de luta e resistência, Feminismo, Identificação/ Gratidão*. Utilizaremos nomes fictícios, visando a proteção física e moral das acadêmicas que se dispuseram a participar da atividade.

3.1. Percepção de Quilombo e ausência de debates sobre a cultura quilombola

Nas escritas reflexivas foi possível notar que a percepção dos alunos sobre o que era um Quilombo estava bem destoante da realidade, como podemos evidenciar no trecho do relato de Sofia: *“Minha expectativa era encontrar uma comunidade centralizada em uma área específica, uma espécie de tribo e fiquei surpresa ao encontrar uma configuração diferenciada”*. Além disso, Sofia nos conta que achou o lugar “indescritível” por sua simplicidade e por ser um espaço de luta e resistência: *O ambiente de aprendizagem por vezes era no galpão, depois no pátio (terreiro, como dizem) e em baixo de uma frondosa figueira, algo indescritível. E o que dizer das histórias de vida destas pessoas que vem lutando para*

resgatar o valor das suas raízes, e buscando com luta ocupar espaços políticos e sociais, evidenciando sua importância como parte de nossa história. (Sofia, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018).

Reforçando a ideia que se tem de quilombo Bia conta que: *“Em um primeiro momento, imaginei inúmeras casa iguais, umas próximas as outras, em uma área rural da cidade, pensava que eles usavam alguma vestimenta ou acessório típico da sua cultura e ainda, acreditava que eles seguiam fielmente uma mesma religião.”* (Bia, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018)

No decorrer das leituras dos relatos percebemos que ainda hoje a cultura quilombola não é conhecida por maioria da sociedade, pois questões como está não são discutidas nos ambientes acadêmicos. As diferentes culturas não são valorizadas e acabam ficando na invisibilidade. Sobre este aspecto Bia comenta: *“Diante de uma sociedade de rótulos, na qual realiza constantemente pré-julgamentos errôneos a respeito dos mais diferentes sujeitos que a compõe, pensar o que significa ser quilombola não é uma tarefa fácil, principalmente se levado em consideração que pouco se debate questões referentes a essas comunidades no ambiente escolar e até mesmo acadêmico.”* (Bia, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018)

Complementando a citação acima trazemos o relato de Giselly que comenta que: *“Buscamos enfrentar o desafio de abrir os horizontes para a compreensão de outras culturas, linguagens, e outras formas de pensar, num mundo cada vez mais próximo, tentando inseri-los numa sociedade pluralista e interdependente que procura promover a paz entre os povos e nações e uma educação comunitária, valorizando as raízes locais da cultura.* (Giselly, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018).

Percebemos que a sociedade ainda desconhece a história da formação dos Quilombos, suas lutas pela visibilidade e melhores condições de vida. Os currículos acadêmicos estão seguindo tão fielmente os saberes acadêmicos que acabam deixando de lado discussões acerca das especificidades culturais das comunidades.

3.2. Quilombo como espaço de luta e resistência e Feminismo

No tocante as lutas e movimentos sociais, muitos alunos perceberam a força do empoderamento feminino dentro do Quilombo e o protagonismo que as mulheres exercem dentro dele, como no relato da aluna Atena que aponta esse protagonismo como fonte de inspiração e constata: *“Outro fator que me inspirou bastante foi ver a presença forte do*

feminismo estampada no discurso e nos artesanatos das mulheres. Me fez refletir muito sobre representatividade e sororidade”.

A importância de aproximar culturas aparentemente “diferentes” se dá justamente pela necessidade de empoderar e valorizar os saberes populares e promover a união entre as classes oprimidas na sociedade que inevitavelmente reflete essa opressão dentro das universidades. É através desta aproximação que os sujeitos podem refletir e perceber o quanto é importante a representatividade como fator essencial para a igualdade de direitos.

É destacando justamente essa representatividade que uma aluna negra faz um forte desabafo em seu relato que explicita a dura realidade do racismo estrutural dentro dos espaços sociais, trazendo sua própria experiência de vida como exemplo e comparando com a realidade vivida pelas mulheres negras quilombolas: *Destaco também um fato que pra mim é muito triste que é o preconceito e perceber que muitos de nós ainda passamos por situações parecidas com as que elas passam e que as vezes o fato de dizerem que somos inferiores está tão internalizado em nós que não percebemos o racismo estampado, e como é importante a representatividade, é muito duro perceber que na maioria dos espaços você é a única pessoa negra. É muito importante ver rostos negros nos espaços por onde andamos.* (Moana, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018)

Esse relato nos mostra o quanto ainda falta avançarmos em relação ao racismo, preconceito e misoginia pois são palavras de uma aluna que é mulher, negra e de classe popular que não vê sua raça e sua classe social representada na sociedade e na universidade.

Podemos citar também as percepções de Sofia a respeito do preconceito racial: *Nestas experiências, de preconceitos e violação descarada dos direitos humanos, entre risos e lágrimas entram também os relatos de seu João que também tem colhido os frutos de ser de origem quilombola numa sociedade preconceituosa. Mesmo sendo concursado da prefeitura, onde deveria ter direitos iguais aos demais, sem direito a escolha era designado a serviços mais rudes e desgastantes, confrontando-se diariamente com atitudes de racismo e injustiças.* (Sofia, relato sobre percepções acerca do Quilombo Coxilha Negra, maio de 2018).

Nesta mesma percepção temos o relato de Giselly que contribui significativamente para entendermos a luta dos quilombolas contra o preconceito: “O preconceito étnico é uma barreira para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, onde todos(as) sejam realmente cidadãos. Por isso, se torna fundamental trazer essa temática a reflexão de nossos jovens que estão em fase de formação de caráter e opinião”.

3.3. Acolhimento/Receptividade e Sentimento de gratidão

Iniciamos esse tópico com o relato de Giselly descrevendo o que significou para ela ir no quilombo: “A comunidade Coxilha Negra tem uma humanidade extraordinária, apesar de suas dificuldades fomos bem recebidos dentro de suas possibilidades; mais que uma visita na verdade uma viagem na cultura de nossos ancestrais, de nossas raízes”

Cristina se refere ao ambiente no quilombo como renovador “[...] *a simplicidade das pessoas que habitam aquele lugar e a tranquilidade que o mesmo nos transmite é renovador para nossas energias.*”

Os relatos em sua maioria apresentaram como resultado o sentimento de gratidão por parte das acadêmicas por terem tido a oportunidade de irem visitar a Comunidade quilombola Coxilha Negra, um exemplo é o relato de Cristina ao dizer “*Só uma palavra tenho a este povo lindo: Gratidão por compartilhar um pouco de suas histórias e culturas, orgulho por suas raízes e nunca abandonem.*” Diante disso, percebemos o quanto é importante que essas especificidades sejam tratadas nos currículos acadêmicos, como forma de valorizar os diferentes modos de vida.

4. Algumas Considerações

Para finalizar nossa escrita citamos o relato de Giselly que em poucas palavras ressalta o que significou o passeio ao quilombo: “*Não é preciso muito para se viver feliz. Bastam alguns sorrisos e abraços cheios de calor. Basta um ambiente rodeado de amor, um ar puro para se respirar, o toque na terra e a sombra de uma árvore para refrescar*”. Desse modo o estudo reforçou o quanto é necessária maior aproximação do conhecimento universitário, que é por excelência como afirma o Santos, de ordem científica, com os conhecimentos do cotidiano da sociedade, buscando romper com o caráter disciplinar unidirecional exercido pela universidade.

Também reforçou a importância que a Educação Popular tem no processo educacional, possibilitando que sejam encontrados novos caminhos de produção de conhecimentos no âmbito acadêmico e pode ampliar significativamente a visão de mundo de professores e professoras em formação possibilitando novas compreensões e leituras da realidade que nos cerca, se torna muito mais rica, diversa e plural a partir do reconhecimento de saberes. Para essa turma a visão metafísica de um quilombo nunca será mais mesma pois saímos de uma realidade ingênua para uma realidade concreta.



Figura 1: Foto tirada no Quilombo à sombra da figueira
Fonte: Acervo dos autores.

Referências

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Em Campo Aberto: Escritos Sobre a Educação e a Cultura Popular*. São Paulo: Cortez, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. *Primeiras palavras em Paulo Freire*. Passo Fundo: Battistel, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Movimentos sociais e educação*. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ZITKOSZKI, Jaime José. MORIGI, Valter. *Educação Popular e Práticas Emancipatórias: Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráfica (CORAG), 2011.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível*. Campinas SP: Papirus, 1995.